

“INCIDENTE EM ANTARES”, DE ERICO VERISSIMO: RELAÇÕES COM A POLÍTICA E OS POLÍTICOS NO PERÍODO DA DITADURA

Meri Terezinha Antunes¹
Maria Cleci Venturini²

Introdução

Recortamos da obra “Incidente em Antares”, de Erico Verissimo, um personagem representativo dos políticos naquele contexto ficcional. O objetivo é, a partir da pequena cidade de Antares, identificar por meio dessa personagem traços e características próprias dos políticos brasileiros, especificamente, do período da ditadura. Por ser um coronel e como tal ocupar uma posição de domínio sobre determinados grupos sociais, os sujeitos-eleitores votam, muitas vezes, de acordo com os seus interesses pessoais, buscando beneficiar-se da influência do coronel sobre outros políticos em troca de proteção ou favores eleitorais. O político, nessas circunstâncias, destaca-se pelo modo populista de comportar-se. Um exemplo clássico de político populista foi o gaúcho Getúlio Vargas - que com seu carisma e patriarcalismo foi considerado o pai dos pobres - também no Rio Grande do Sul, Jânio Quadros, Leonel Brizola, Juscelino, e, nos dias atuais o presidente Lula, o qual segundo os críticos supera todos os demais.

Neste contexto, impera na sociedade antarense o machismo e o patriarcalismo, sendo o Coronel Tibério Vacariano o grande senhor patriarcal na obra criada na ordem da ficção por Erico Verissimo. Nesse trabalho, o tomamos como figura representativa dos políticos, buscando analisar seu discurso e a relação com discursos patriarcalistas e populistas, apontando nele/por ele a representação imaginária de políticos brasileiros, e os procedimentos discursivos, pelos quais o Coronel Tibério Vacariano se constitui como *semelhante ou igual a* proeminentes políticos do Brasil, delimitando os efeitos de sentidos dessa identificação.

Propomos traçar um panorama dos efeitos de dominação resultantes da política paternalista, pautada na influência e no poder político que divide a formação social entre ricos e pobres, utilizando a noção de formação discursiva. Com isso, vamos identificar as contradições entre as ações do coronel (aquilo que ele faz), e o que ele representa na formação social (aquilo que ele quer que as pessoas pensem que ele é). Os efeitos dessas contradições resultam do contraponto entre o imaginário do sujeito a partir das posições de sujeito-político, sujeito-cidadão e de sujeito-pai de família idealizado. Tibério Vacariano sustenta todas essas posições-sujeito na pequena cidade de Antares, e o advogado Cícero Branco no discurso ficcional é o sujeito porta-voz e, por meio do seu discurso desnuda/destrói o político da pequena cidade.

¹Graduada em Letras Português e suas Literaturas pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. E-mail: meri.antunes@hotmail.com.

²Orientadora, professora Adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. E-mail: mariacleciventurini@hotmail.com.

O trabalho estrutura-se em três partes, além da introdução e da conclusão. Na primeira parte abordamos as condições de produção da obra de Erico Verissimo e do Coronel Tibério na obra, bem como o período sócio-histórico de sua escritura. A segunda parte trata dos fundamentos teóricos da Análise do Discurso (sujeito, formação discursiva, formação ideológica, formação imaginária e processos de identificação), bem como o funcionamento do discurso político. A terceira parte constitui-se das análises, as quais se realizam a partir de sequências discursivas de referência (SDRs) representativas da composição do político Coronel Vacariano, bem como dos efeitos de sentidos decorrentes desse retrato, buscando sistematizar traços de identificação entre ele e políticos populistas brasileiros, dentre os quais destacamos Getúlio Vargas, representando os políticos do passado e Luis Inácio Lula da Silva no contexto da atualidade.

Condições de produção da obra de Erico Verissimo e do Coronel Tibério Vacariano:

O livro “Incidente em Antares”, de Erico Verissimo, escrito e publicado no período da ditadura militar, que foi caracterizado pela supressão dos direitos constitucionais, pela censura, pela perseguição política e pela repressão contra aqueles que reagiam contrariamente ao regime militar - momento marcante da memória nacional e bastante produtivo da literatura e das artes em geral - tendo em vista o silenciamento que o estruturou. Neste contexto político, entendemos que o autor parece fazer mais História do que ficção, já que percorre mais de cem anos de representação da história nacional, destacando, políticos como Getúlio Vargas entre outros, nesta obra ficcional. Com o golpe militar de 1964, a estrutura econômica do país continuou a mesma: capitalismo, latifúndios, presença do capital estrangeiro; a burguesia como classe hegemônica, apenas não exercia o domínio diretamente, mas com a proteção dos militares. Nesse período, de acordo com Lesbaupin (2005), organizações populares e de classes trabalhadoras ganhavam espaço no cenário político, o que preocupava os grandes líderes, pois já não era possível fazer política sem considerar a classe operária, mesmo que para isso fosse necessário reprimir, bajular, pactuar, corromper, mas nunca permitir-lhes agir de acordo com seus idealismos, ou seja, sem dar-lhes autonomia.

De acordo com Pellegrini (1996), é neste momento histórico que Erico Verissimo escreve seu último romance, dividido em duas partes: a história de Antares e o incidente envolvendo os sujeitos-cidadãos. Na obra ele tece um panorama sócio-político do Brasil e, por meio do procedimento chamado de verossimilhança, que segundo Compagnon (2001), é um modo de o texto literário aproximar-se do histórico, constituindo efeitos de verdade, que fazem com que o sujeito-leitor acredite na veracidade da história. Por meio desse procedimento, o período da ditadura da diegese constitutivo do incidente ocorrido na cidade ficcional aproxima-se do que aconteceu no período da ditadura, parecendo verdade. Na primeira parte, o autor retrata a história de Antares, cidade situada no Rio Grande do sul, na fronteira do Brasil com Argentina, e de seus personagens. Com isso, constitui um retrospecto de toda a história nacional, até o entrelaçamento das famílias arqui-inimigas os Vacarianos e os Campolargos: o velho líder Tibério Vacariano e a matriarca Quitéria Campolargo são amigos.

Na obra ficcional, Tibério, líder político da cidade de Antares, mantinha uma relação de amor e ódio com o proeminente político Getúlio Vargas, por quem não devotava muita simpatia, mas via-se obrigado a apoiá-lo pelas circunstâncias políticas em que o país se encontrava naquele período. Com a ajuda de Getúlio conseguiu empréstimos no Banco do Brasil, comprou apartamento no Rio, com a intenção de passar parte do ano ali e a outra em Antares. Em sociedade com um primo advogado, montou escritório de advocacia que para ele servia para vender o mais inusitado dos serviços: “*influência*”, usufruindo apenas do seu prestígio pessoal e de boas relações com pessoas do governo. Coronel truculento que sempre foi, teve que se adaptar à vida da cidade, já que em Antares era obedecido e temido por todos, da mesma forma tentou impor-se nesta nova fase de sua vida, mas com a astúcia de um velho Vacariano percebeu que as coisas na cidade não funcionavam como na sua estância, aos poucos aprendeu a ser paciente, menos autoritário, chegando à meiguice se a ocasião exigisse.

Não foi difícil habituar-se entre a vida no Rio de Janeiro e na pequena cidade de Antares. No Rio de Janeiro vivia como Coronel Tibério Vacariano, fisicamente era um sujeito forte, alto, olhos escuros, vestia-se com elegância, gravatas e camisas de seda, ternos de linho branco, figura popular que conquistou fama de generoso (generosidade que era mais verbal que concreta, e exercida apenas quando lhe convinha), mas não tinha força política. Em Antares, era o chefe de família, o estancieiro, o patrão que manda e desmanda, podia gritar esbravejar com quem quer que fosse que era rápida e fielmente obedecido. Ano após ano quando ia se aproximando o mês de novembro voltava para sua terra, a sua instância, de vez em quando ia até a cidade conversar com seus conterrâneos. Mas quando chegava abril/maio era hora de voltar para a civilização; a esposa D. Briolanja permanecia em Antares, gostava da vidinha provinciana de cidade do interior, dedicava-se aos filhos, netos e sobrinhos, já que não lhe faltava nada como costumava dizer o Coronel.

Com o passar dos anos e a experiência de líder político, Tibério tornou-se maleável quando se tratava de política, adaptando-se a novas exigências, aderindo a novos grupos partidários. Figura popular, além do escritório de advocacia, ganhava dinheiro com transações de legalidade duvidosa, mas que, rapidamente contribuíram para engordar sua conta bancária até mesmo fora do Brasil. Na formação social de Antares, ele era conhecido como um velho chineiro e desfrutável que sempre viveu metido em negociatas durante o estado novo. Em desentendimento político com Getúlio, Tibério se vê tomado pelos mais variados sentimentos: de revolta, de indiferença, de injustiça, tornou-se *persona não grata* no governo, resolve retornar a sua terra natal, juntamente com um industrial chinês recém chegado ao Brasil ao qual propõe montar fábrica em Antares, afirmando ter o objetivo de apenas contribuir com o progresso industrial de sua cidade, na verdade interessava-lhe vender terras e sua produção anual de soja, ou seja, o benefício próprio.

Na segunda parte do livro, Erico narra o incidente: no dia 11 de dezembro de 1963, trabalhadores da indústria local declararam greve geral em Antares a partir das 12h, outros setores haviam declarado apoio aos grevistas: comércio, transporte, força elétrica. Apesar do empenho do Coronel Vacariano pra evitar a greve já não era possível, afinal a constituição reconhecia o direito dos trabalhadores à greve. É a democracia. Ao meio dia em ponto a cidade

parou. A Cidade sem água, sem luz elétrica sem telefone, sofria os imensos prejuízos causados com a greve.

Em meio a este caos em que a cidade se encontrava é que o Coronel Tibério Vacariano fora informado, pela esposa aos prantos, que D. Quitéria Campolargo tinha sofrido um ataque do coração, apesar de seus antepassados terem sido inimigos durante 60 anos, Tibério e Dona Quita eram muito amigos. Em seguida fica sabendo pelo Dr. Lázaro que D. Quita era a sexta pessoa morta na cidade naquele dia. E o sétimo óbito de Antares chega ao conhecimento do Coronel pelo prefeito da cidade Vivaldino Brazão, era o Dr. Cícero Branco, advogado do coronel e do prefeito com quem mantinham negociatas para lavagem de dinheiro.

Ao aproximar-se da hora do enterro de Dona Quitéria é que os próceres da cidade ficaram sabendo que não poderiam enterrar o féretro de sua amiga. O cemitério encontrava-se interditado pelos grevistas e nenhum cadáver poderia ser enterrado enquanto não fossem atendidas as suas exigências. Essa foi a forma encontrada para pressionar os patrões a atenderem suas reivindicações. Um número muito grande de grevistas bloqueava a passagem para o cemitério com seus próprios corpos. Houve confusão, bate boca, empurra-empurra, troca de insultos. Tudo, menos enterro.

Decidiu-se, então, que os cadáveres ficariam ali em frente ao cemitério até que a greve fosse solucionada. Foi assim que, na tentativa de roubar as jóias com que D. Quitéria Campolargo pedira para ser enterrada, que ladrões violaram seu esquife, levando o maior susto ao perceber que a velha estava com os olhos abertos. Dona Quitéria levanta-se de seu leito sem entender direito o motivo de estar ali insepulta, do lado de fora do cemitério. E vendo que os outros esquifes também estavam na mesma situação foi abrindo um a um, primeiro o do advogado Cícero Branco, que morrera de derrame cerebral. Em seguida o sapateiro José Ruiz ou o Barcelona como era conhecido, que morrera de aneurisma cerebral; depois o Professor Menandro Olinda que se suicidou. Na sequência o da prostituta Erotildes que morrera de tísica por negligência do Dr. Lázaro. Logo após João Paz ou Joãozinho preso e torturado até a morte pelo delegado Inocêncio Pigarço sob acusação de formação de grupo esquerdista. O último a ser apresentado foi o bebereão pudim de cachaça, que fora assassinado pela esposa que já não aguentava mais ter que trabalhar para sustentar suas bebedeiras e ainda apanhar dele.

Os sete defuntos indignados com a situação resolveram descer a cidade para cobrar seus direitos. Cada um visitou sua casa, seus amigos ou inimigos e encontraram-se para negociar com as autoridades da cidade no coreto da praça ao meio dia.

Cícero apontando para os presentes chama-os de hipócritas e impostores, porque todos já haviam colocado suas máscaras para representar diante da sociedade, tentando esconder as sujeiras e falsidades que faziam às surdinas, em especial o Coronel, que seguindo o exemplo de seus antepassados, astutos ladrões, e bandidos de qualidades excelentes, mantinha sua máscara perante a sociedade de bom marido, bom pai, protetor dos pobres, mas em conluio com o prefeito da cidade o senhor Vivaldino Brazão, eram responsáveis por crimes de “peculato e enriquecimento ilícito a custa dos cofres públicos” (VERISSIMO, 2006, p.310), confessando diante da comunidade antarense que como advogado, também fora cúmplice dos dois, contribuindo com suas falcatruas,

lesando viúvas e órfãos, protegendo assassinos e contrabandistas quando lhes convinha política e economicamente.

Fundamentos Teóricos: Análise do Discurso

Fundamentamos nossa pesquisa nas teorias da Análise do Discurso de Linha Francesa, desenvolvida por Pêcheux, que coloca em cena o discurso como objeto de análise, diferenciando-o, dessa forma, tanto da língua quanto da fala. O texto, nessa perspectiva, é a unidade de análise do discurso e evoca a exterioridade da linguagem, ou seja, a ideologia e o social, reforçando que os sentidos nunca estão prontos. Segundo Orlandi:

[...] nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na condição tensa entre paráfrase e polissemia. (2003, p.37)

Ou seja, o já-dito, que retorna fazendo sentido no discurso do sujeito, considera a relação existente entre a linguística, que proporciona o conhecimento da linguagem; o marxismo, que explica a exterioridade, ou os fenômenos sociais e a psicanálise, para dar conta da noção de sujeito que se constitui na relação com o simbólico, na história. É nesse entremeio que a AD trabalha com a linguagem ideologicamente constituída por meio da história. A partir desses conceitos, recortamos o discurso político paternalista para compreender como ele acontece na literatura e na formação política, tendo em vista que “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”, de acordo com Orlandi (2003, p.32).

Segundo Pêcheux (1997), podemos distinguir duas formas de esquecimento no discurso. Esses esquecimentos são necessários para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, à medida que garantem a identificação destes sujeitos com o que é dito. O esquecimento nº 2, da ordem da enunciação, considera aquilo que está sendo dito e que o sujeito fala de uma maneira e não outra, e, ao longo de seu dizer forma-se famílias parafrásticas, que sinalizam para o fato de o dizer poder sempre ser outro. O esquecimento ideológico, ou esquecimento da ordem do inconsciente, chamado de esquecimento nº 1, resulta da forma como o sujeito é interpelado pela ideologia, esquecendo-se do assujeitamento à formação discursiva em que se inscreve. Por esse esquecimento, o sujeito tem a impressão de ser a origem do dizer. Na realidade, sentidos já existentes são retomados e são “determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”, nas palavras de Orlandi (2003, p. 35).

Os processos parafrásticos são aqueles que retornam aos espaços da memória, buscando o que já foi dito antes em outro lugar e irrompe no eixo da formulação, significando. Na polissemia, o que se tem é o deslocamento, em que os sentidos são múltiplos, são novos. Essas

duas forças trabalham de forma que neste jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, o já-dito e o a se dizer o sujeito e os sentidos acontecem. Ou seja:

[...] a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. (ORLANDI, 2003, p. 38).

Os discursos funcionam de acordo com certos fatores um deles é o que chamamos relação de sentidos que nos indica que um discurso sempre se relaciona com outros, de acordo com Orlandi (2003, p.39) “um dizer tem relações com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.”

Nesse sentido, é importante pensar nas formações imaginárias, pelas quais o sujeito considera o seu interlocutor e pelo mecanismo da antecipação, a mesma autora sinaliza que:

[...] todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, 2003, p. 39)

Isso significa que o dizer está sempre em relação com o imaginário que o sujeito constitui em torno dele mesmo, do outro, aquele que o ouve e também em relação ao que é dito. O que acontece nas relações de forças é, segundo Orlandi (2003), que o lugar de onde o sujeito fala é constitutivo dele e do seu dizer.

Assim o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. Como nossa comunidade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. (ORLANDI, 2003, p. 39 - 40)

O que a autora destaca como o fazer valer essa comunicação pode ser relacionado à legitimação, ao valor de verdade e de objetividade que certas palavras adquirem. Dessa forma o sujeito, para dizer, constitui relações imaginárias e discursivas, sem relacionar ao empirismo, isto é, o sujeito ocupa uma posição e por essa posição inscreve-se em uma formação social, podendo ser socialmente descritos discursivamente. Essas posições funcionam no discurso como projeções, isto é, o modo de colocar-se no lugar do outro. De acordo com Orlandi (2003, p. 38), “São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para posições dos sujeitos no discurso.”

Nesse sentido, na relação discursiva as questões relacionadas ao imaginário é que se constituem as diferentes posições-sujeito, de forma que o sujeito operário não é significado

empiricamente como tal, mas “o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias” (Orlandi, 2003, p. 40). O funcionamento desse imaginário ocorre a partir de formações discursivas, as quais determinam segundo Pêcheux (1997, p. 160)

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

Assim, o sujeito ao dizer, coloca-se no lugar, onde o seu interlocutor “ouve” suas palavras, diz Orlandi (2003). A mesma autora retoma Pêcheux (1997) e destaca que as formações discursivas representam as formações ideológicas, que são as relações de forças e de posições em um determinado momento histórico. Aponta, ainda, que o sentido se constitui no discurso, tendo em vista a inscrição do sujeito e do seu dizer em uma formação discursiva determinada, pela qual o sentido parece saturado, devido às evidências decorrentes do trabalho da ideologia por meio da língua na história. Essa afirmação sinaliza para o retorno de discursos já-ditos e significados em outros tempos e lugares. Por meio do discurso é que a linguagem e a ideologia se entrelaçam em suas relações, ou seja, “os sentidos sempre são determinados ideologicamente” (ibidem, p. 43).

Nossa investigação insere-se, portanto, no discurso político, o qual segundo Courtine relaciona-se a um sujeito político como o lugar em que o político se articula. Nessa perspectiva o autor diz que:

[...] aquele que enuncia um discurso, está realmente assujeitado a um todo de muitas condições de produção e recepção do enunciado. Ele é o ponto de condensação entre a linguagem e a ideologia, o lugar onde os sistemas de conhecimento político se articulam na competência linguística, diferenciando-se um do outro, combinando com um outro ou afrontando-o em uma determinada conjuntura política. (COURTINE, 2006, p. 64),

Em relação ao político e as cenas de representação Corten diz que elas se constituem pelo discurso e sugere que por ela se pode ter uma representação da formação social. Corten (1999, p. 37) assevera “É a cena onde os elementos perpassam a sociedade como “forças” e são vistos como “forças políticas”. O discurso político trabalha por meio de processos que estabelece efeitos de sentido através da prática e as línguas políticas se inscrevem no campo da persuasão movimentando objetos (a opinião pública os eleitores), para Corten elas

[...] não podem evitar de tomar como referente a cena de representação, ainda que eles não sejam os únicos a modelá-la. Assim definidos, de um lado, os discursos políticos se situariam em uma margem entre a “vida política”, tal como se desenvolve nas instituições políticas e, de outro, a cena de representação das forças políticas. (CORTEN, 1999, p. 50)

Para compreender esta sequência de análise do processo discursivo deve-se observar o *corpus*, o enunciado, o sujeito. O *corpus* caracteriza-se pelo fechamento de um espaço discursivo limitado, supõe enunciações finitas. Nas palavras de Courtine (2006, p 63 - 64), citando Dubois (1978), “de um lado se lida com textos naturalmente fechados e, de outro, com dispositivos diversos utilizados para proceder explicitamente (por amostras) ou implicitamente (por generalização com base em fragmentos) a um fechamento do texto”. Quanto ao enunciado o mesmo autor diz que “aplica-se ao texto um método, servindo para determinar suas relações inerentes que são - hipoteticamente - consideradas na definição da estrutura do discurso. O procedimento para determinação de tais relações pode variar, mas o principal permanece imutável: se a estrutura do discurso for hipoteticamente admitida, discernível na co-ocorrência e na recorrência de alguns de seus elementos, esta estrutura poderá ser gramaticalmente caracterizada. Na análise do discurso essa operação leva a caracterização do enunciado, que no discurso como afirma Courtine (2006), é geralmente definido como formulado sobre condições de produção definidas.

Essas condições de produção garantem a representatividade do *corpus*, ou seja, segundo o mesmo autor um *corpus* discursivo, definido “como um conjunto de sequências discursivas estruturadas, de acordo com um plano definido em referência a um certo estado de condições de produção do discurso” (Courtine, 2006 p.66), sendo que essas condições de produção agem em relação as sequências discursivas que compõem o *corpus*.

A forma-sujeito, segundo Orlandi (2003), sinaliza para um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso, pois pode tudo dizer desde que para isso se submeta à língua, ou seja, está sempre assujeitado. Para representar a estrutura em torno do sujeito e ideologia, Pêcheux (1997) cita Althusser e as duas teses desenvolvidas por ele. Na primeira tese assinala que “só há prática através dos sujeitos e sob *uma* ideologia” e na segunda que “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”, ou como reforça Orlandi (2003), a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos. E para constituir sentido o sujeito é afetado pela língua e pela história, pois é a partir do efeito do simbólico que ele fala e que produz sentido. Mas é a partir da posição que ocupa que os sujeitos se constituem.

Análises de sequências discursivas (SDRs) representativas da composição do Coronel Tibério Vacariano

A seguir temos as análises do nosso objeto por meio de sequências discursivas de referência (SDRs), as quais dão ênfase à representatividade da composição do político Coronel Vacariano, bem como aos efeitos de sentidos decorrentes desse retrato. Buscamos sintetizar traços que apontam para a falta de escrúpulos que constitui o coronel como sujeito-pai de família, sujeito-cidadão e sujeito-político, ainda que, como político tente constituir no imaginário dos seus eleitores a imagem do protetor dos pobres, do marido dedicado, do cidadão honesto, para tal procedimento abordaremos as SDRs dos personagens, com o propósito de compor traços que o caracterizam.

Como sujeito-pai de família, o coronel apresenta-se indiferente a sua família, pois na obra pouco ou quase nada fala de filhos. Em algumas passagens presentifica os netos, em especial a Xisto Vacariano que estudava fora da cidade. Destaca que as crianças não eram seus netos e sim de sua esposa. A atribuição da responsabilidade da família para o sujeito-feminino reforça memórias e discursos que retornam em relação à mulher, cuja função, na formação discursiva patriarcal é cuidar e responsabilizar-se pela família. Vacariano era estancieiro, o patrão que manda e desmanda, sendo obedecido e temido por todos. A vida toda manteve duas famílias, a legítima D. Briolanja, e outra, uma mocinha da cidade, a qual o coronel mantinha até que se cansasse daquela e trocasse por outra, mais jovem, mais bonita. Como pode ser observado, na fala de Erotildes uma das amantes. Na sequência discursiva a seguir o defunto que representa a prostituta denuncia:

Sdr1 - [...] fui por cinco anos amasia do coronel Vacariano. Ele até montou casa pra mim. Quando comecei a ficar velha, ele não me quis mais, me largou e nunca mais me deu um triste vintém (VERISSIMO, 2005, p 325).

Nessa sequência, o efeito de sentido de “normalidade e naturalidade” em relação ao fato de o Coronel ter duas famílias e também aos costumes correntes na época, de os sujeitos-masculinos buscarem amantes mais jovens e as abandonarem quando ficassem mais maduras. A esposa, D. Briolanja aceitava pacificamente, não contestava, nem se opunha à sua vida de cassinos e de mulheres (recebia cartas anônimas contando sobre as aventuras do Coronel). O discurso sedimentado e que retorna pelos efeitos de pré-construídos em torno dessa “normalidade” é corrente tanto na formação discursiva em funcionamento nos pequenos espaços urbanos, quanto em relação ao masculino, a quem cabia prover a casa e a família e de resto, comportar-se como quisesse e achar melhor.

O que desconstrói a imagem do coronel, que se queria justo e de bom coração, não era o fato de “ter duas famílias”, esse costume fazia parte da vida de todos. Abandonar a amante à mercê da própria sorte sem ajudá-la com nem um vintém, era mais grave, pois manchava o seu desempenho político e a imagem populista de quem ajuda todas as pessoas. Nesse episódio é dada visibilidade à exploração que ele representa, especialmente de jovens bonitas, que são jogadas à marginalidade, quando abandonadas.

Outro ponto importante em relação ao imaginário em torno do sujeito Coronel Vacariano e que tem o efeito de desnudá-lo diante dos sujeitos-cidadãos antarenses é o fato dele, ser preconceituoso. Esse efeito de sentido, apesar de negado por ele, fica evidente, pelo trabalho da ideologia na SDRs 2, 3 e 4, quando se refere aos escritores, aos negros e aos judeus em geral.

Sdr2 - Quando se referia a alguma pessoa incorrigivelmente sonhadora, destituído de senso comum, costumava dizer: “É um poeta!” Estava já convencido de que os escritores em sua maioria inclinavam-se politicamente para a esquerda, sendo, portanto uns “chatos”. (VERISSIMO, 2005, p.61)

Sdr3 - Racista, eu? Ora, não sejas bobo. Sabes como trato minha negrada. Eles me adoram. Mamei nos peitos duma negra-mina. Me criei no meio de moleques pretos retintos. Quando leio esses casos de ódio racial nos Estados Unidos, comento com a Lanja e lhe digo que no Brasil a gente,

graças a Deus, não tem esses problemas, pois aqui o negro conhece o seu lugar (VERISSIMO, 2005, p 57).

Sdr4 - Eu já preveni a Lanja, os meus filhos e meu médico. Se um dia por desgraça eu precisar duma transfusão, não quero que me metam nas veias sangue de negro, nem de judeu ou de comunista. (VERISSIMO, p.106)

Na Sdr3 percebe-se por meio das palavras do coronel a contradição entre o que o dizer e a ideologia que o constitui. Ele sinaliza para o efeito de indignação ao ser acusado de racismo, e ao mesmo tempo referia-se ao negro como sendo conhecedor do seu lugar. Nessa sequência há o funcionamento do imaginário que o coronel, enquanto sujeito líder na formação social, constitui em torno dos sujeitos-cidadãos da cidade, especialmente no que se refere ao preconceito, o qual é sempre combatido, mas praticado com frequência.

O fato de ter sido amamentado por uma negra se constitui como uma prática não de amor de mãe, mas de submissão das escravas ao sujeito-branco, uma vez que isso era tomado como um “serviço”. Quanto a brincar com os negros, não diz que tipo de brincadeiras acontecia e nem se ele era “o dono da bola” e os companheiros serviam para distraí-lo. Outra contradição presente está no fato de eles o adorarem, à medida que adorar sinaliza não para um sentimento de parceria, mas para o funcionamento de um dos sujeitos como opressor, sem defeitos e que está acima do bem e do mal. Finalmente, “o negro conhece seu lugar” traz o efeito de sentido de divisão de classes, em uma formação social em que o branco está em um lugar e os negros em outro. Está silenciado, mas significa que nos estados Unidos os negros circulam por mais espaços e que no Brasil não, eles só tem um lugar: o de serviçal, de submissão.

A Sdr4 sinaliza para o efeito de sentido de total preconceito. O sujeito afirma a seus familiares e ao médico que mesmo que necessário não pusessem sangue de negro, judeu ou comunista nas suas veias. Tem-se aqui segundo Indursky (1998, apud VENTURINI, p.108), o sujeito duplamente afetado em seu funcionamento individual pelo inconsciente e, em seu funcionamento social, pela ideologia, a qual faz ressoar no intradiscurso outros discursos resultado de mitos em torno do sangue, como determinante de comportamentos. O sangue do negro seria ruim, diferente do sangue do branco. Na ordem do consciente, o sujeito nega ser racista, mas como se significa e é significado pelo que diz, o seu discurso o representa como racista e preconceituoso.

Na constituição do sujeito-político o coronel reúne em si características de um líder militar que em seus desmandos políticos faz imperar seus caprichos particulares, usando da influência que tinha com governantes. Fazia o intercâmbio entre aqueles que precisavam de um empurrãozinho com algum processo que estivesse parado nas repartições públicas. O Coronel Vacariano fala de uma posição que não foi concedida a ele, e sim adquirida por meio do seu poder econômico, já que mantinha o domínio na maioria dos negócios decorrentes naquela cidade. A posição-sujeito de coronel lhe permitia tomar decisões em nome do povo, o qual o significa como sujeito-político. De acordo com Orlandi (2003 p.39), ele fala da posição de líder político e suas palavras passam a significar diferente dos demais moradores da cidade de Antares. Essas palavras legitimam o seu dizer, o autorizam por uma política populista, de favorecimento.

Sdr5 - [...] Tibério Vacariano exclamou: “esse Getúlio nasceu mesmo com o rabo virado para a lua”. E atirou-se com entusiasmo à propaganda eleitoral do “homenzinho de São Borja”. [...] No dia das eleições nacionais ajudou os pica-paus a falsificar atas, fazendo todos os defuntos do cemitério local votar no seu candidato. Andava de mesa eleitoral em mesa eleitoral, oferecendo sugestões no sentido de aumentar fraudulentamente o número de votos favoráveis a Getúlio Vargas. (VERISSIMO, 2005, p 52).

Sdr6 - [...] Tibério aproveitou a oportunidade para conseguir com o chefe da nação bons empregos em repartições públicas federais para alguns de seus parentes e amigos. Fez esses pedidos como quem quer dar a entender que ele, Vacariano, não queria nada para si mesmo, pois ‘Deus me livre, presidente, de abusar duma amizade’. (VERISSIMO, 2005, p.55).

As atitudes tomadas pelo Coronel refletem o efeito de sentido contrário daquele que, pelo pequeno teatro ideológico é simulado na formação social. Para os sujeitos-cidadãos de Antares ele queria mostrar-se como político honesto e bom pai de família. Tomado pelos interesses pessoais, pelos quais ele representa não só ele mesmo como sujeito empírico, mas a FD dos políticos da época em geral, especialmente os líderes políticos, cujo objetivo é manipular os sujeitos-cidadãos. Instaura-se na formação social o funcionamento da opressão pela qual os políticos exercem o poder, sustentando-se por meio de favores, de pequenas contribuições, constituindo uma rede de favorecimento que se essa prática revertia em votos. O domínio sobre a população funcionava desse modo. Segundo Orlandi (2003, p.41): “[...] isto faz com que ele ajuste seu dizer a seus objetivos políticos, trabalhando esse jogo de imagens”. Ou o jogo imaginário que preside nas suas palavras, que segundo a mesma autora (2003, p.40) “se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo, pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante”.

Nas Sdrs7 e 8, torna-se evidente a representação do domínio absoluto que o coronel mantinha sobre os nobres da cidade, conseguido com suas falcatruas possuía em seu poder sobre sujeitos, dentre os quais destaca-se o Delegado Inocêncio Pigarço; o Juiz Quintiliano do Vale; o prefeito da cidade Vivaldino Brasão, que exerciam cargos por intermédio do coronel; o médico, Dr Lázaro Bertioga, do Hospital Salvator Mundi; Incluirá também, nas suas armações, sujeitos como o escritor Lucas Faia, do jornal *A Verdade*; e o advogado Cícero Branco, que comungava com tais falcatruas. Na Sdr7 temos sequências de discursos do Dr. Lázaro Bertioga, e na Sdr8 a do jornalista:

Sdr7 - [...] acontece que há dez anos estou na mão de dois homens sem escrúpulos que me fizeram... que me fazem até hoje cometer atos que me envergonho. O senhor sabe a quem me refiro. [...] eles sabem segredos negros do meu passado, cometi erros, formei-me relativamente jovem... [...] um dia tive meu diploma quase cassado. O Coronel Vacariano veio a meu socorro, me salvou. (VERISSIMO, 2005, p.353.)

Sdr8 - O senhor sabe coronel como eu acato suas opiniões... Como forte acionista de *A Verdade*, o meu ilustre amigo tem todo o direito de dizer o que está e o que não está certo na orientação do jornal. [...] Lucas pensou nas grandes e incontáveis patifarias que o homem que tinha na sua

frente havia praticado na vida – a famosa ‘fabrica de seda’, as operações de câmbio negro, o contrabando de pneumáticos de automóveis nos últimos anos da Grande Guerra – e continuou um falso sorriso de mau ator. Não queria indispor-se com o velho, mesmo que tivesse coragem para tanto. Mesmo sem ser o melhor dos amigos Tibério Vacariano era o pior dos inimigos. (VERISSIMO, 2005, p. 101-102)

Na Sdr9 há o efeito de oscilação de caráter e concepções políticas do coronel, já que ele se representa como um político corrupto e sem convicções ideológicas. Para Courtine (2006) o que difere um partido político de outro é o funcionamento da língua, é por meio do seu discurso que ele se identifica e se representa, constituindo traços de identificação com o sujeitos-cidadãos da formação social. E ainda segundo o mesmo autor, os discursos políticos enfrentam-se uns aos outros, entrando em contradições ideológicas, o que nos permite entender as contradições constitutivas do discurso do coronel, haja vista que ele se assujeita às condições políticas de acordo com seus interesses, pois ao ser acusado de estar aderindo ao fascismo responde:

Sdr9 - “qual fascismo, qual nada! Sou um realista e como tal simpatizo com os regimes autoritários, sempre simpatizei” (VERISSIMO, 2005, p.57).

Mas é a partir da volta dos sujeitos-mortos, por meio das manifestações do advogado Cícero Branco que a imagem sustentada pelo coronel em relação ao imaginário dos sujeitos-cidadãos de Antares se esfacela. O advogado ocupa a posição-sujeito não mais de aliado, mas daquele que resiste ao que é dito e faz ressoar no fio do discurso os efeitos dos não-ditos, sinalizando para as contradições constitutivas do sujeito-coronel, enquanto político, instaurando efeitos de sentidos indesejados. Os questionamentos englobam a pátria, a família e a propriedade, já que, esse sujeito prioriza a propriedade em detrimento de todas as demais instituições. Como podemos observar na Sdr 10:

Sdr10 - Todos sabem que o coronel Tibério é o presidente de honra dos Legionários da Cruz, cujo lema é Deus, Pátria, Família e Propriedade. Ora as relações do nosso furibundo pró-homem com Deus são só de cumprimento, de longe, apenas um toque de dedo na aba do chapéu. O velho Vacariano não reza, não vai à missa e nem confessa, e durante sua gloriosa existência teve incontáveis oportunidades de transgredir os dez mandamentos. Pátria? A flor dos Vacarianos ama tanto a sua que tem passado a vida a lesar os cofres públicos e a mamar nas tetas dessa pobre republica. Ah, mas com a família o caso é diferente! O coronel Tibério preza tanto essa instituição, que em vez de uma mulher tem duas: a legítima, que vive no palacete que vemos ali na esquina, e a ilegítima, instalada numa outra casa e numa outra rua. Agora, acima de Deus, acima da pátria, acima da família, o nosso Tibério, imperador de Antares, adora a Propriedade, e é capaz de matar e até de arriscar-se a morrer para defender as suas propriedades, aumentando-as a custa da propriedade alheia. (VERISSIMO, 2005, p.318).

Com isso conclui-se que há o efeito de manutenção do domínio da FD dos políticos corruptos, aos quais é interessante que as minorias não almejam o poder, deixando-o para o Coronel. Também na FD que seria legitimamente ocupada pelos legionários da cruz, os quais

declinam do seu direito em favor de um líder político cada vez mais opressor, mesmo sendo ele dado à prática de extorsão dos cofres públicos e de estar fora do lugar que lhe competia. A igreja, nessa formação social funciona para sustentar e arraigar determinados preconceitos, reforçando a submissão.

Considerações finais

As análises sinalizam para o funcionamento de imaginários em torno de sujeitos-políticos, de sujeitos-cidadãos e também de imaginários em torno do espaço urbano. A influência do Coronel Tibério Vacariano sobre os munícipes de Antares, mesmo não assumindo a condição de político, se sustenta na representação imaginária do que seja um político na formação social. Pequeno teatro imaginário sustenta e o autoriza como líder da cidade, e assim os sentidos dele como um verdadeiro político.

Na ordem do ficcional é que Cícero Branco serve de instrumento para desnudar o funcionamento do político na cidade de Antares, onde o movimento populista se caracteriza por uma forma de exercer a política, na qual o político utiliza-se de recursos vários para obter apoio popular dos sujeitos-cidadãos. O líder usa uma linguagem simples e popular e abusa da propaganda pessoal, afirma não ser igual aos outros políticos, toma medidas autoritárias, não respeita os partidos políticos e instituições democráticas, diz que é capaz de resolver todos os problemas e possui um comportamento bem carismático. O populismo corre em formações sociais constituída por minorias e por grandes diferenças.

O Coronel Vacariano utiliza o prestígio que conseguira com os mais humildes, por meio de pequenas esmolas, e com os que tinham uma posição mais privilegiada esse domínio se dava por meio de chantagens ou favores pessoais, e, a partir desta posição. Ele fazia valer suas leis, exercendo com mais força a dominação, no entanto em suas atitudes o que se concretiza através de suas manipulações são seus objetivos pessoais.

Podem-se observar as contradições existentes entre o discurso do coronel e suas ações, visto que, com o discurso do advogado Cícero Branco e outros personagens a máscara de bom pai, de cidadão do bem que ajuda a todos pelo simples fato de ser bondoso, que o coronel sustenta perante a sociedade é desnudada.

O professor Libindo Olivares, um dos próceres da cidade, ocorre propõe [...] organizar uma campanha no sentido de [...] *apagar esse fato* não só dos Anais de Antares como também da memória de seus habitantes. Sugiro [...] um nome para este movimento: *operação borracha*. (VERISSIMO, 2006, p. 408). E para tornar evidente o domínio exercido pelo Coronel Tibério Vacariano sobre os membros da cidade de Antares, para consolidar a operação borracha instituiu-se uma comissão executiva, da qual o coronel fora eleito presidente, nas palavras do promotor da cidade o Mendes: “Proponho que o nosso Coronel Tibério Vacariano seja eleito por aclamação seu presidente de honra! Aplausos unânimes”. (VERISSIMO, 2006, p. 411)

Referências Bibliográficas

BORDINI, Maria da Gloria. Criação literária em Erico Veríssimo. Porto Alegre: L&PM/ Edipucris, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

COURTINE, Jean-Jacques. Chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. de Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Sagra/Luzzato, Porto Alegre, 1999.

----- **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. Trad. de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Clara Luz, 2006.

LESBAUPIN, Ivo. Movimentos populares e a conquista do espaço urbano (1). In: http://vinculando.org/brasil/movimentos_populares.html, publicado em 20 de agosto de 2005.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed. Tradução Eni Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PELLEGRINI, Tânia. Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70. São Carlos: SP: EDUFSCAR, Mercado das Letras, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades imaginárias: literatura história e sensibilidade. In: <http://www.revistafenix.pro.br>, Vol 6 ano VI nº1, Revista Fênix.

VERISSIMO, Erico. Incidente em Antares. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2009